

Secularização e pós-modernidade em Gianni Vattimo

Secularization and Post-Modernity in Gianni Vattimo

Constança Marcondes CÉSAR
Faculdade de Filosofia – PUC-Campinas

Resumo

O conceito de secularização, aplicado à caracterização do pensamento e da religião, no mundo atual, assume na obra de Vattimo uma especial relevância para a crítica da cultura. Trata-se de examinar, na “sociedade transparente”, as possibilidades do “pensamento fraco”, no horizonte do “fim da metafísica” e as possibilidades de um “cristianismo não-religioso”, que o autor italiano faz emergir de uma aproximação entre as críticas de Heidegger e Nietzsche à sociedade contemporânea e as sugestões inspiradoras de G. de Fiore.

Palavras-chave: secularização, pós-modernidade, Vattimo, hermenêutica, crítica da cultura

Abstract

The concept of secularization, applied to the characterization of the thought and the religion, in the current world, assumes in the workmanship of Vattimo a special relevance for the critical of the culture. It is treated to examine, in the “transparent society”, the possibilities of the “weak thought”, in the horizon of the “end of metaphysics” and the possibilities of a “not-religious Christianity”, that the Italian author makes to emerge of an approach between the critics of Heidegger and Nietzsche to the contemporary society and the inspired suggestions of G. of Fiore.

Keywords: *secularization, post-modernity, Vattimo, Hermeneutics, critics of the culture.*

A questão da secularização, na obra de Vattimo, abarca o problema no âmbito do pensamento e no da religião. Seis textos mostram a trajetória do assunto: *A secularização do pensamento* (1986); *A sociedade transparente* (1984); *Além da interpretação* (1994); *A religião* (1996); *Acreditar em acreditar* (1996); *Depois da cristandade* (2002).¹

O exame da secularização do pensamento é feita inicialmente no contexto do estudo da crise contemporânea das ideologias, da metafísica, da noção de história linear, do mito do progresso.

Nessa primeira abordagem, secularização tem dois sentidos: o primeiro, consiste numa interpretação do significado e papel da filosofia, no mundo atual; o segundo, na redefinição de seu estatuto perante as

⁽¹⁾ G. VATTIMO, *La sécularisation de la pensée*, Paris, Seuil, 1988; *La società trasparente*, s/l, Garzanti, 2000 (2a. ed. Ampliada); *Oltre l'interpretazione*, Bari, Laterza, 1994; *Credere di credere*, s/l, Garzanti, 1999; *A religião*, Lisboa, Relógio d'Água, 1997; *Dopo la cristianità*, s/l, Garzanti, 2002.

demais ciências, na época do “fim da metafísica” (já anunciado por Heidegger).

Secularização é a palavra que corresponde, em Vattimo, à noção de “pensamento fraco”, e aborda a crise da razão como crise da metafísica e das filosofias do ser.

Pretendendo ir além de uma filosofia da cultura que apenas descreve a crise da razão e a irredutível pluralidade das visões do mundo, Vattimo busca redescobrir o destino do pensamento como um destino de libertação, de emancipação do homem. Recusando o significado meramente negativo da secularização, como perda de sentido do sagrado, nosso autor procura usar o termo de modo a possibilitar o exame do “fim da metafísica”, nas linhas nietzscheana e heideggeriana, como inauguração de tarefas positivas para a filosofia: a redefinição da noção de verdade como anúncio e a da reformulação da “linguagem filosófica tradicional em favor de uma discursividade mais permeável à metáfora, à poesia e à narratividade (...)”²

No plano religioso, a secularização é entendida, não como uma ruptura com o sagrado em favor do profano, uma perda de sentido do sagrado, mas como um destino inscrito na própria experiência religiosa do Ocidente e como reabertura do diálogo entre religião e filosofia.

Distanciamento em relação a um horizonte sagrado, reconhecimento da proveniência da filosofia a partir desse horizonte, a secularização é meditação rememorante da origem, “reinterpretação de uma herança ‘cultural’ através da trajetória de suas ‘formas simbólicas’”³.

A recusa da metafísica está vinculada à experiência de uma imposição violenta de uma visão do mundo, pela metafísica. A secularização descrita por Vattimo é mostrada como alternativa não-violenta, como filosofar que denuncia, com Adorno e Lévinas,

a essência do pensar tradicional. A visão racionalista do mundo, conduzindo à indiferença em relação ao sujeito individual, produz a violência de que Auschwitz é emblema e da qual a sociedade tecnocientífica, a sociedade da organização total, é expressão.

Inspirado em Heidegger, Vattimo aproxima a “reviravolta” — com a qual o pensador alemão caracteriza a superação da metafísica e o surgimento de um poeta-pensante — da noção de secularização.

Na “sociedade transparente”, nome que o filósofo italiano utiliza para designar a sociedade unificada pela comunicação, a irresistível pluralidade e coexistência das visões de mundo põem em questão a possibilidade de alcançarmos a verdade em si. A consciência da fluidez dos conceitos de realidade, de verdade, produz nos homens de hoje a vivência no imaginário, de outras formas de existir, ampliando sua liberdade. A experiência essencial da sociedade pós-moderna é, pois, para Vattimo, a experiência da liberdade, da constituição do mundo pelas ciências naturais e humanas. O anti-dogmatismo e anti-relativismo decorrentes da pluralização das imagens do mundo conduzem à superação da oposição racionalismo/irracionalismo, ao regresso do mito através da demitização e às experiências da liberdade e da criatividade, vivas na arte contemporânea.

No que diz respeito à arte, Vattimo recorre a Heidegger, a Nietzsche e ao idealismo alemão, para assinalar que seu papel é o de propor o reino da liberdade. Mostra a ressonância dessa idéia em Lukács, Walter Benjamin e como, em Heidegger, a arte se apresenta como abertura de um mundo; em Bloch, como profecia do futuro; em Dufrenne, como encontro com outras visões do mundo, que repercutem sobre a nossa; em Gadamer, como testemunho da história. Põe em relevo a questão da verdade da arte e do destino da poesia na época do fim da metafísica,

² Id., *La sécularisation de la pensée*, p. 11.

³ Id., *ibid.*, p. 57.

⁴ Id., *Oltre l'interpretazione*, p. 53.

⁵ Id., *ibid.*, p. 57.

evidenciando que Heidegger, a questão da arte é, em nosso tempo, a questão da “fuga dos deuses”, da secularização. A ocultação do sagrado é acompanhada pela elevação da arte ao papel de uma mitologia e religião outras, religião secularizada que ocupa o lugar do sagrado arcaico.

Na modernidade, que “é filha da tradição religiosa do Ocidente (...) como secularização desta tradição”⁴, Vattimo afirma que o pensamento hermenêutico se mostra capaz de apreciar o confronto das interpretações e o confronto das religiões e de promover uma revalorização do sagrado e do mito. Aponto também “a difusão das terminologias mitológico-religiosas-poéticas na prosa filosófica atual (...)”⁵ e o emprego da metáfora no discurso filosófico como expressões da secularização e do surgimento de uma nova racionalidade, emancipada do ideal da objetividade que caracterizou o pensamento até agora.

Subjacente a essa tradição que desemboca no pensamento hermenêutico, há um fio condutor que remonta a Joaquim de Flora, quando este fala da importância da interpretação, do sentido “espiritual” das Escrituras e do valor da caridade, abrindo caminho, hoje, para “a escuta dos múltiplos mitos religiosos da humanidade (...)”⁶.

Recordando a obra de René Girard, *A violência e o sagrado*, Vattimo procura mostrar, de modo análogo ao autor francês, os aspectos camuflados do religioso presente na sociedade atual: o núcleo essencial do cristianismo, seu conteúdo decisivo é, para ele, a caridade.

Relacionando a idéia de secularização com as de hermenêutica, de interpretação, de reconhecimento da pluralidade da verdade, Vattimo discerne, na hermenêutica atual, uma atitude desmitologizante que conduz, paradoxalmente, “à dissolução do próprio mito da objetividade (...) e à ‘reabilitação’ do mito

e da religião”⁷. Essa reabilitação, bem como o encontro com a pluralidade dos mitos das diversas religiões, ocorre em virtude do processo de secularização de que, segundo nosso autor, a Encarnação é emblema. A Encarnação é sinônimo de secularização, de diluição do sagrado no profano, de redução dos limites entre sagrado e profano. Vattimo afirma: O caráter mítico do encontro com a transcendência não depende da rusticidade das faculdades do homem ainda não educado para o pensamento racional; depende da própria essência da transcendência, que se revela só numa forma que fala a todo homem (...) como é o caso do mito, da poesia, das linguagens densamente carregadas de imagens e emoções”⁸. Para nosso autor, é somente através da idéia de Encarnação que se torna possível o reconhecimento de “toda manifestação do divino em símbolos”, possibilitando “uma liberação da pluralidade dos mitos”⁹.

A questão do ecumenismo é um dos fulcros da pós-modernidade, uma vez que põe em relevo a exigência para a filosofia e a religião, da universalidade da verdade, num mundo que se caracteriza pelo confronto de culturas diversas ou mesmo rivais. Arte, religião, filosofia são, em nossa época, “modos diversos de aceder à verdade, não conflitantes entre si (...)”¹⁰, mas complementares e convergentes.

A secularização, diluição do sagrado no profano é acompanhada, hoje, de um “retorno do religioso”, que se apresenta sob duas formas: a) como recusa e temor da modernização, retorno regressivo ao passado ou adesão a seitas e doutrinas exóticas, fundada no “medo de uma eventual guerra nuclear (...) [de] ameaças [que] pesam sobre a ecologia planetária e frente às novas possibilidades de manipulação genéticas”, bem como no medo “da perda do sentido da existência”¹¹, ao tédio associado ao consumismo, aos extremismos fanáticos. O “retorno do religioso” está, assim, associado ao caráter dramá-

⁽⁴⁾ Id., *ibid.*, p. 62.

⁽⁷⁾ Id., *ibid.*, p. 65.

⁽⁸⁾ Id., *ibid.*, p. 68.

⁽⁹⁾ Id., *ibid.*, p. 69.

⁽¹⁰⁾ Id., *ibid.*, p. 71.

⁽¹¹⁾ Id., *A religião*, pp. 96-97.

tico da situação atual, à erosão dos regimes políticos, à proliferação de seitas.

A secularização do pensamento, na sua conotação regressiva, corresponderia à dissolução dos grandes sistemas e à busca de um fundamento último. Para essa perspectiva, a ciência e a técnica teriam se desumanizado e a busca do sagrado representaria um abandono da historicidade em favor da recuperação da metafísica tradicional e de seus valores.

Para Vattimo, a tarefa positiva da filosofia, inspirada em Heidegger, consistiria em considerar a necessidade religiosa fora dos quadros da metafísica e como rememoração e escuta do Ser, recuperação do horizonte do mito, da linguagem simbólica, para dizer o significado do mundo. Daí o filósofo dizer que a “filosofia que põe o problema da superação da metafísica é a mesma que descobre a positividade da experiência religiosa”¹² e “se torna hermenêutica, escuta e interpretação de anunciações transmitidas”¹³.

○ “fim da metafísica” prepara a redescoberta do deus cristão; trata-se, para a filosofia, de reconhecer “o laço entre história da revelação cristã e história do nihilismo (...) confirmando a validade do discurso heideggeriano sobre a metafísica e sua filosofia”¹⁴.

○ filósofo italiano confirma a “ontologia fraca” como transcrição da mensagem cristã e a época do fim da metafísica “como decisivamente marcada por um sentido religioso, e o caráter central do conceito de secularização exprimirá precisamente o fato desse reconhecimento”¹⁵, o da referência fundante da nossa civilização às escrituras judaico-cristãs.

A secularização se apresenta, desse modo, como “fé purificada”, fato positivo que ocorre no horizonte da tradição, enfatizando a experiência da

liberdade interpretativa como realização plena da mensagem cristã. Trata-se de “uma dissolução progressiva dos elementos da religiosidade ‘natural’ em favor de um reconhecimento mais estrito da essência autêntica da fé”¹⁶.

○ núcleo dessa recuperação do sentido do religioso é a desmitologização da moral e dos dogmas, reconhecendo a permanência dos valores cristãos no humanitarismo, na solidariedade, no anti-dogmatismo e fazendo da caridade o fulcro de todos os valores. Daí o filósofo dizer: “redescoberta do cristianismo” assim entendido “tornou-se possível pela dissolução da metafísica”¹⁷. Nosso autor estabelece, deste modo, um paralelo entre secularização e “pensamento fraco”, isto é, ontologia da dissolução das estruturas fortes do ser.

A leitura secularizante do cristianismo leva a uma concepção de Deus não mais como toda-poderosa transcendência, mas como um Deus que luta, no tempo, ao lado do homem, pelo triunfo do bem¹⁸. Leva também a reconhecer que “grande parte das aquisições da razão moderna - aquisições teóricas e práticas e até a organização racional da sociedade, liberalismo e a democracia - estão enraizadas na tradição hebraico-cristã, e não são pensáveis fora desta tradição”¹⁹.

○ reencontro com o cristianismo consiste, segundo Vattimo, na “tarefa de repensar os conteúdos da revelação em termos secularizados”²⁰, desmitologizados, cujos limites interpretativos são o princípio da caridade e uma fé historicamente engajada, tributária de outras mitologias e outras histórias. É preciso compreender que o anti-dogmatismo e a desmitologização significam, para nosso autor, uma atitude de suspeita em relação à Igreja oficial e, ao mesmo tem-

⁽¹²⁾ Id., *ibid.*, p. 109.

⁽¹³⁾ Id., *ibid.*, p. 112.

⁽¹⁴⁾ Id., *Credere di credere*, p. 32.

⁽¹⁵⁾ Id., *ibid.*, pp. 35-36.

⁽¹⁶⁾ Id., *ibid.*, pp. 41-42.

⁽¹⁷⁾ Id., *ibid.*, p. 59.

⁽¹⁸⁾ Id., *ibid.*, p. 65.

⁽¹⁹⁾ Id., *ibid.*, p. 66.

⁽²⁰⁾ Id., *ibid.*, p. 76.

po, de amizade, reconhecimento, respeito e admiração pela tradição cristã, pela história dos santos, mártires e confessores²¹.

Nosso filósofo busca refutar tanto a certeza de um fundamento último, quanto a necessidade filosófica do ateísmo. Está, assim - e propõe que estejamos todos - livres para escutar novamente as Escrituras, mas, ao mesmo tempo, confrontado com a pluralidade de culturas, com a morte dos paradigmas, a crítica dos dogmas. A Igreja ideal, não oficial, que Vattimo espera, é “a comunidade de crentes que, na caridade, escutam e interpretam livremente (...) o sentido da mensagem cristã”²².

Partindo do tema nietzscheano da “morte de Deus”, recorrendo à leitura do cristianismo em J. de Flora e examinando sua ressonância no romantismo alemão (Novalis, Schelling), nosso filósofo trata de recuperar o sentido do religioso hoje.

Entende que a afirmação da morte de Deus, em Nietzsche, não encerra a discussão sobre a religião. Mostra também que existem analogias possíveis entre o tema citado e o do fim da metafísica, em Heidegger. Em ambos, a temática desemboca na crítica do mundo contemporâneo e na proposição do caráter essencialmente metafórico da linguagem, na diluição de distinções estritas entre escrita filosófica e escrita poética. A crítica ao racionalismo e o diálogo entre filosofia e poesia, assim apresentados, tornaram possível o renascimento do religioso nas sociedades industriais contemporâneas. Pensar essa crise e essa reformulação é tarefa do “pensamento fraco”, que reconhece a passagem “da metafísica metanarrativa às racionalidades locais; da crença na objetividade do conhecimento à consciência do caráter hermenêutico de toda verdade” e, nos planos individual e social, a passagem “do sujeito centrado na evidência da autoconsciência ao sujeito da psicanálise; do Estado despotico ao constitucional (...)”²³.

⁽²¹⁾ Id., *ibid.*, p. 88.

⁽²²⁾ Id., *Dopo la cristianità*, p. 12.

⁽²³⁾ Id., *ibid.*, p. 26.

⁽²⁴⁾ Id., *ibid.*, pp. 27-28.

A fragilização que a filosofia reconhece no pensamento atual é denominada por Vattimo de secularização, assim como também o são “todas as formas de dissolução do sagrado características do processo de civilização moderna”²⁴. Essa dissolução do sagrado não é um abandono da religião, mas realização, paradoxalmente, de sua vocação profunda. Põe em relevo a exigência de serem repensadas as relações entre filosofia e religião. É a Joaquim de Flora que nosso filósofo recorre, para compreender o paradoxo da diluição/renascimento do sagrado, em nosso tempo.

A teoria hermenêutica de Joaquim de Flora, afirmando que é preciso descobrir o “sentido espiritual” - não literal, mas anagógico, simbólico - das Escrituras, é considerada por Vattimo como prefiguração da nova perspectiva sobre o religioso e o sagrado, que emerge em nosso tempo. Na hermenêutica de Flora, os eventos da Bíblia são figuras dos acontecimentos históricos posteriores, e o texto sacro deve ser lido em quatro níveis: literal, moral, alegórico, anagógico. A Idade do Espírito Santo que, na teoria da história de Flora inaugura a leitura espiritual, isto é, alegórica e anagógica, dos textos sagrados, é aproximada, por Vattimo, da nossa época, que se caracteriza pela liberdade interpretativa, pela pluralidade das interpretações.

A Idade do Espírito Santo, em Flora, é a época da caridade, da contemplação, da liberdade. Tem larga posteridade, a teoria de Flora, na filosofia ocidental, como mostrou De Lubac, repetido por Vattimo. A repercussão da teoria de Flora é especialmente evidente no romantismo alemão, nas filosofias da religião de Novalis, Schelling, na poesia de Hölderlin, na obra de Hegel.

A abordagem original dessa herança, feita pelo filósofo italiano, consiste na analogia que estabelece entre as características da Idade do Espírito Santo e a

nossa época, anunciada no processo de *secularização*, redescoberta do sagrado fora dos quadros institucionais da Igreja oficial e no *ecumenismo*, que põe em primeiro plano as exigências de tolerância e caridade, perante as perspectivas opostas ou até conflitantes, a respeito do sagrado.

Apoiando-se em Joaquim de Flora, nosso autor entende que a história da salvação “se realiza nos eventos da história mundana”; e reitera a validade dessa perspectiva, invocando Karl Löwith, “que descreveu a moderna filosofia da história (...) como interpretação secularizante da idéia hebraico-cristã de salvação (...)”²⁵. Na nossa sociedade, história sagrada e história profana deixaram de ser separáveis, na medida em que as instituições e as formas políticas, como democracia, se apoiam em uma inspiração de fraternidade e paz tipicamente cristã. A religiosidade marginal e mascarada da modernidade reaparece no diálogo ecumênico, no reconhecimento dos direitos de culturas distintas, de religiões diferentes. A leitura “espiritual” dos textos sagrados, proposta por Flora, encontra analogia com a “espiritualização” de hoje, isto é, com a consideração do pluralismo cultural, do pluralismo religioso e com a fluidificação do próprio sentido das noções de verdade e de realidade, que resultam, não mais de uma objetividade pura, mas do confronto das interpretações. Daí Vattimo afirmar: “A ontologia hermenêutica (...) e o fim da metafísica da presença como êxito da ciência técnica moderna, são resultado da ação da mensagem cristã na história ocidental, são interpretações secularizantes desta mensagem, mas no sentido positivo-constutivo do termo”²⁶; são “retomadas do sonho de Joaquim de Flora”²⁷ da construção de uma comunidade de intérpretes que tem como critério e limites a caridade e o amor. Vários conceitos que têm larga circulação e importância no mundo atual, como diálogo, consenso, democracia, são formulações laicizadas da virtude da caridade, na opinião de nosso autor²⁸.

Em resumo, podemos dizer que, na obra de Vattimo:

a) existe uma ampliação e reformulação do conceito de secularização, que não é entendido apenas na acepção negativa, de perda do sentido do sagrado, mas também e sobretudo na acepção positiva, de diluição das fronteiras entre sagrado e profano, de impregnação e mascaramento do sagrado nas vivências e conceitos da sociedade pós-moderna;

b) há o estabelecimento de um paralelismo entre história da salvação, como história da Encarnação de Cristo, e a progressiva apresentação/impregnação, na vida social ocidental, de noções inspiradas nos princípios cristãos da fraternidade e do amor, tais como: democracia, comunidade, direitos humanos. É como se a Encarnação significasse, para Vattimo, não um evento, mas a progressiva expressão, na vida social, dos princípios veiculados pela tradição cristã;

c) dá-se a proposição de uma analogia entre a secularização da religião, mostrada em aO e bO e a secularização do pensamento, isto é, a crítica da modernidade, inspirada em Joaquim de Flora e exposta no romantismo alemão, em Nietzsche e Heidegger. Para Vattimo, a crítica da sociedade atual é o anúncio do “fim da metafísica”, a leitura positiva do niilismo, entendido como ruptura com a filosofia moderna e abertura a um novo tipo de pensar: um poeta-pensante, onde o metafórico tem um papel preponderante - são a contrapartida, no plano da filosofia, da secularização, no plano religioso;

d) ocorre a indicação, como fontes imediatas de sua filosofia, da ontologia fundamental de Heidegger e do niilismo nietzscheano; como fontes recentes, as obras de Novalis, Hegel, Schelling; como fonte remota, Joaquim de Flora, cujo método hermenêutico teria inspirado certos aspectos da atual

⁽²⁵⁾ Id., *ibid.*, pp. 45-46.

⁽²⁶⁾ Id., *ibid.*, p. 71.

⁽²⁷⁾ Id., *ibid.*, p. 73.

⁽²⁸⁾ Id., *ibid.*, p. 88.

ontologia hermenêutica, suas concepções de verdade e de mundo, sua crítica da cultura;

e) existe aproximação entre as características da Idade do Espírito Santo e as características da “sociedade transparente”, da informação e do “fim da filosofia”;

f) é estabelecido o princípio da caridade como critério de verdade e como limite da secularização, considerada em seu sentido positivo;

g) o “retorno do religioso” é enfocado como expressão de um cristianismo não-institucional que, no Ocidente, possibilitaria o diálogo com culturas distintas, a partir da ênfase no amor à comunidade dos homens.

A obra de Vattimo é um dos mais instigantes questionamentos das relações entre filosofia, religião e crítica da cultura. Sua originalidade e erudição surpreendem, indicando as possibilidades de compreensão da pós-modernidade a partir do exame da trajetória de uma linhagem filosófica que, inspirada em Santo Agostinho e em Joaquim de Flora, desencadeou as reflexões de Novalis, Hölderlin, Schelling, Hegel, e tornou possível o florescimento de um novo tipo de pensar, expresso em Nietzsche, Heidegger e na recente hermenêutica dos símbolos e mitos de que Ricoeur é um dos expoentes.

Bibliografia

ATTI DEL I CONGRESSO INTERNAZIONALE DI STUDI GIOACHIMITI, S. Giovanni in Fiore, Centro di Studi Gioachimiti, 1980.

BUONAIUTI, Ernesto, *Gioachino da Fiore. I tempi. La vita. Il messaggio*, Cosenza, Lionello Giordano, 1984.

DE LUBAC, Henri, *La postérité spirituelle de Joachim de Flore*, Lethielleux, Paris, 1979.

MOTTU, Henre, *La manifestation de l'esprit selon Joachim de Flore*, Neuchâtel/Paris, 1977.

Revista FLORENSIA, S. Giovane in Fiore, Centro di Studi Gioachimiti, 1980.

VATTIMO, Gianni, *Credere di Credere*, s/l, Garzanti, 1999.

_____ *Dopo la cristianità*, s/l, Garzanti, 2002.

_____ *Oltre l'interpretazione*, Bari, Laterza, 1994.

_____ *A religião*, Lisboa, Relógio d'Água, 1997.

_____ *La società trasparente*, s/l, Garzanti, 2000 (2a. Edição).

_____ *La sécularisation de la pensée*, Paris, Seuil, 1988.

